

Projetos criativo-musicais problematizadores: um relato de experiência em aulas de música na EJA

Comunicação

Rafael Dias de Oliveira
UDESC
profrafa@gmail.com

Resumo: Esta comunicação faz um relato de experiência de práticas pedagógicas em aulas de música na EJA com foco na ação criativa. Sua elaboração teve como base educativa a concepção de educação problematizadora de Paulo Freire com o objetivo de localizar a ação criativo-musical como possibilidade para que as pessoas pensem sobre a sua realidade e, a partir disso, possam ampliar e criar outras visões de mundo e de música, em um constante movimento de reflexão e ação. A experiência relatada neste texto em uma pesquisa de doutorado em andamento na área da educação musical na cidade de Florianópolis. A pesquisa se baseia em referências freireanas para investigar o caráter dialógico e emancipador das práticas criativas em educação musical.

Palavras-chave: Educação Musical; Criatividade; Educação Problematizadora; Educação de Jovens e Adultos

Introdução

Nesta comunicação relato a experiência pedagógica realizada em uma pesquisa de doutorado em andamento na área da educação musical na cidade de Florianópolis. A pesquisa se baseia em referências freireanas para investigar o caráter dialógico e emancipador das práticas criativas em educação musical. Neste texto abordo a etapa investigativo-pedagógica da pesquisa, em que o pesquisador atuou como professor-pesquisador, planejando, desenvolvendo e observando planejamentos didáticos em música orientados pela ação criativa em uma turma de primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A realização dessas práticas pedagógicas em horário letivo e seu registro em vídeo gerou material para que o pesquisador e as pessoas participantes pudessem, posteriormente,

assistir e refletir sobre o processo criativo em música que vivenciaram na escola, gerando dados para as análises.

Projetos criativo-musicais problematizadores

A etapa da produção de dados da pesquisa abordada nesta comunicação consistiu na participação de estudantes da EJA em práticas pedagógicas em música, com foco na ação criativo-musical. Tais práticas foram planejadas na forma de projetos criativo-musicais, termo utilizado por Beineke (2021a, 2021b) para se referir ao trabalho pedagógico que compõe suas pesquisas acerca da aprendizagem criativa na educação musical. A pesquisadora desenvolve esse termo a partir de autores da área da educação que estudam a organização dos conhecimentos escolares, na direção de favorecer diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses, que facilitem a construção de conhecimentos significativos. A autora (2021a) explica que faz uma adaptação dessa forma de olhar para a organização do trabalho pedagógico com foco nas aulas de música e possibilidades para a ação criativa.

À ideia de projeto criativo-musical (BEINEKE, 2021a; 2021b) incorporei o complemento problematizador, com o objetivo de localizar a ação criativo-musical como possibilidade para que as pessoas pensem sobre a sua realidade e, a partir disso, possam ampliar e criar outras visões de mundo e de música, em um constante movimento de reflexão e ação.

Este movimento de buscar o pensamento crítico na direção da consciência crítica sobre as coisas está fundamentada na concepção de educação problematizadora de Paulo Freire (FREIRE, 1987), uma visão de educação crítica e libertadora. Freire (1987) propõe que o trabalho educativo deve, a partir da valorização dos saberes das pessoas, olhar para a realidade, questioná-la e ampliar a visão sobre ela, desenvolvendo a consciência crítica. Se a música é um destes saberes, pode ser uma forma de olhar para a realidade e questioná-la na direção de transformação social?

Foram desenvolvidos durante a pesquisa cinco projetos criativo-musicais problematizadores. Nesta comunicação, relato a experiência de um deles: o projeto música e diversidade.

Projeto criativo-musical problematizador – “música e diversidade”

Este projeto criativo-musical durou cinco noites letivas. Este tema gerador foi escolhido porque as primeiras relações pedagógicas que tive com as pessoas estudantes da EJA, fizeram pensar sobre a importância de problematizar a música de forma mais ampla, levar a pensar sobre a diversidade de práticas musicais e concepção de música nas diferentes culturas. O roteiro das ações desenvolvidas está apresentado a seguir:

Quadro 1: Roteiro das ações pedagógicas

Aulas 1 e 2	<ul style="list-style-type: none"> - Funções na música na sociedade: leitura de texto, debates e registro escrito dos conteúdos resultantes das discussões - Diversidade cultural e musical: Apreciação de áudios e vídeos com diferentes manifestações musicais e conversa sobre as culturas a eles associados. - Registro escrito: em grupo, definir um nome para cada vídeo com base na manifestação musical apreciada. - Debate sobre a função da música nas diversas culturas e sobre a diversidade de práticas musicais - Escolha de palavras-chave sobre as discussões realizadas. - Elaboração de frases com essas palavras.
Aulas 3 e 4	<ul style="list-style-type: none"> -Problematização - Estudo da palavra diversidade -Composição de uma estrofe de canção com base nas frases feitas pela turma na aula anterior -Elaboração de um arranjo para a canção – leitura e conversa sobre o significado de arranjo musical -Execução do arranjo para registro da composição
Aula 5	<ul style="list-style-type: none"> -Execução musical - Retomada da composição -Nova leitura coletiva de texto sobre arranjo -Retomada e registro escrito no caderno do arranjo definido na aula anterior no caderno -Incorporação das pessoas faltantes na semana anterior no arranjo – decisões musicais -Incorporação de novas ideias no arranjo -Execução

A primeira aula do projeto foi organizada em dois momentos. O primeiro momento foi dedicado a problematização sobre as funções da música na vida das pessoas,



estabelecendo um diálogo com a turma sobre as funções da música no cotidiano a partir das experiências pessoais que foram sendo contadas. Na medida que as pessoas iam falando, íamos escolhendo palavras para definir a função da música que aquela pessoa estava se referindo e o professor foi escrevendo no quadro. As palavras escolhidas pela turma foram:

ACALMAR
ALEGRAR
SENTIMENTOS
EMOÇÃO
PROFISSÃO
REPRESENTA MOMENTOS
COMUNICAÇÃO
TRILHA SONORA
COMPORTAMENTO
APRECIAR
DANÇAR
DIVERTIMENTO
A MÚSICA É UMA OBRA DE ARTE

Em seguida, propus a leitura coletiva do texto “Funções sociais da música”. O texto foi adaptado a partir de trechos do trabalho de Humes (2004). Contém uma pequena introdução e depois uma explicação sobre 10 funções da música na sociedade. Realizamos a leitura da introdução e foi entregue em papel impresso dez recortes com uma função para cada estudante. Cada pessoa foi convidada a ler seu papel, dar sua opinião, fazer comentários, dando início a uma conversa. As dez funções da música foram: 1. Prazer estético, 2. Divertimento, 3. Função de comunicação, 4. Representação simbólica, 5. Expressão emocional, 6. Reação física, 7. Conformidade, 8. Validar instituições sociais, 9. Continuidade e estabilidade da cultura, 10. Integração da sociedade.

O segundo momento teve como tema gerador a diversidade de práticas musicais em diferentes culturas, com o objetivo de debater sobre a existência de outras formas de relacionamento com a música, destacando as diferentes concepções de música. Dessa vez, a

problematização ocorreu a partir de uma prática pedagógica de apreciação musical. Foram separados vídeos com musicalidades diferentes: indígena brasileira, africana, indiana, oriental, religiosa, erudita, música popular. O objetivo da atividade foi fazer coletivamente uma lista dos vídeos assistidos, dando um nome para cada um, de acordo com a manifestação cultural representada.

Numa primeira apreciação foi colocado apenas o áudio. Cada estudante deveria escrever no caderno seu palpite sobre de qual música se tratava. Fizemos rapidamente uma leitura dos palpites. A próxima apreciação foi com os vídeos e as pessoas foram orientadas a voltar no seu palpite inicial, manter ou escrever um novo. A discussão foi conduzida na direção de ouvir o que as pessoas tinham a dizer sobre o vídeo, trazer mais informações e organizar uma síntese, para que fosse definido um nome para a manifestação musical de cada vídeo.

Nesse processo, problematizamos sobre cada cultura musical. Destacamos as diferentes sonoridades e fizemos relações com as funções da música definidas anteriormente e o professor finalizou destacando como cada cultura pode ter diferentes funções e concepções sobre a música e sobre os músicos. A lista com as definições da turma para cada vídeo foi a seguinte:

1. INDÍGENA RITUAL – INICIAÇÃO DOS JOVENS
2. TAMBORES AFRICANOS
3. TAMBORES DO JAPÃO
4. CANÇÃO DE PROTESTO
5. ORQUESTRA - BEETHOVEN
6. CANTOS RELIGIOSOS – CANTO GREGORIANO
7. INDÍGENA GUARANI
8. SERTANEJO UNIVERSITÁRIO
9. GOSPEL
10. MÚSICA INDÍGENA – RITUAL – HOMENAGEM AOS MORTOS
11. FUNK - LUDMILLA

Na sequência, foi lançado para a turma o desafio de resumir em palavras-chave o que havia sido discutido até o momento. Buscamos na internet um conceito para palavras-chave, visando a compreensão desse significado e realizamos coletivamente essa etapa. As palavras-chave definidas pela turma foram:

1. ALEGRIA
2. DANÇA
3. RELIGIÃO
4. DIFERENTES CULTURAS
5. DIFERENTES MÚSICAS
6. LIBERDADE DE EXPRESSÃO
7. RESPEITO
8. MISTURA DE POVOS
9. AGREGAÇÃO - AGREGAR
10. VÁRIOS RITMOS
11. RECONHECER O OUTRO
13. RESPONSABILIDADE

Esta etapa do projeto criativo-musical foi finalizada com a formação de frases usando as palavras como base. Fizemos uma conversa sobre o que significa formar frases usando exemplos. Formamos algumas frases e as pessoas foram convidadas a ler, primeiramente de forma natural. Depois o professor pediu para que lessem de formas diferentes, com diferentes entonações, como se estivessem dando um discurso, como um apresentador de TV, um locutor de rádio e, por último, uma forma que inventassem na hora.

Os debates realizados nesses encontros levaram o professor a trazer um novo tema para problematização. Temas como religião, respeito à liberdade religiosa e de expressão, povos indígenas e outros que foram contemplados fizeram pensar sobre a necessidade de ampliar a discussão sobre diversidade com aquelas pessoas. Apesar de esta palavra não ter aparecido como uma palavra-chave, minha percepção foi de que essa era a grande questão que envolvia as opiniões e os conflitos entre as visões de mundo ali estabelecidos.

O projeto seguiu com o estudo da palavra diversidade e a problematização de seu significado. Esta aula iniciou com uma visão geral da turma sobre a palavra. As pessoas tiveram dificuldade em expressar o significado, de colocar esta palavra em um contexto real, cotidiano. O professor então começou com tópicos do dia a dia, por exemplo, diversidade de frutas, de cores, construindo primeiramente uma ideia de variedade, de maior número de opções. Depois, a problematização avançou para a diversidade no contexto social e cultural. Fizemos no quadro uma lista de “diversidades” na medida em que íamos fazendo as discussões:

DE FRUTAS

DE PEIXES

DE CORES

DE POVOS

DE MÚSICAS

DE ORIENTAÇÕES SEXUAIS

DE CULTURAS

DE PENSAMENTOS

As problematizações sobre diversidade foram complexas e longas. Muitos pontos de vista e visões sobre esta palavra estiveram em diálogo. Questões envolvendo racismo, homofobia ficaram evidentes, dividiram opiniões e causaram mal-estar em algumas pessoas. A união homoafetiva foi bombardeada por algumas com argumentos embasados em narrativas religiosas. O ponto alto dessa discussão foi ‘eu respeito, mas não aceito’. Visões sobre povos indígenas marcadas por preconceito, além de argumentação sobre racismo reverso levaram a debates acalorados. Busquei nesse momento levar informações para serem analisadas pelo grupo, apresentando argumentos e questões também de ordem legal, como as leis que combatem o racismo e as leis da Educação para as relações étnico-raciais.

Pude perceber um avanço do grupo nessa temática, uma ampliação da visão para algumas e uma inquietação para outras, frente essas novas visões colocadas em debate com as suas e, mesmo com a sensação de que esse tema gerador não havia se esgotado, foi dado seguimento ao projeto partindo para a criação coletiva de uma canção. Foram projetadas na

tela todas as palavras e frases que tínhamos feito até o momento e a turma foi orientada para, de forma coletiva, fazer uma canção com base nos significados desse material.

Conversamos sobre as possibilidades de estruturar uma canção. Buscamos exemplos de canções conhecidas e fizemos uma análise de suas estruturas, olhando para a organização das estrofes, número de frases, como fazem as rimas e questões relacionadas a forma, como repetições e refrão. Buscamos na internet o significado das palavras estrofe e refrão.

Com isso, as pessoas passaram a dar ideias, usando as palavras que estavam na tela. Fui escrevendo e auxiliando na formação das frases. Depois de um tempo, algumas pessoas passaram a dar suas ideias já entoando melodias, juntando o que estava no quadro com novas construções e assim surgiu a melodia que serviu de base para a composição da canção. A problematização do significado das palavras seguiu durante esse processo e foi decisiva para a escolha de palavras e na busca por rimas.

A participação das pessoas foi bastante heterogênea. Algumas tiveram participação bem ativa na elaboração das frases, mas não opinavam na parte musical. Outras já estavam muito empenhadas na busca pela melodia, cantarolando e incitando os colegas a cantarem o que ia sendo escrito no quadro. Teve também as que não se sentiram à vontade para contribuir, mas que estavam atentas em todo o processo, preocupadas em copiar no caderno. Depois de uma noite letiva toda dedicada à esta composição, conseguimos fazer uma estrofe que ficou assim:

A MÚSICA É SÓ ALEGRIA | TODA CULTURA MERECE RESPEITO
NO BRASIL TEM MUITAS CULTURAS | MÚSICA, RITMOS E ALEGRIA
RESPEITAR A DIVERSIDADE | É IMPORTANTE PARA A SOCIEDADE
MISTURA DE POVOS E RAÇAS | CORES, LÍNGUAS E PENSAMENTOS
MISTURA DE POVOS E RAÇAS | CORES, LÍNGUAS E PENSAMENTOS

Em uma avaliação ao final da aula, a turma se mostrou satisfeita com a composição e a maioria motivada para fazer mais uma estrofe. Todavia, como o processo todo foi mais demorado que o planejado, resolvi seguir o projeto com a criação de um arranjo para tocar essa estrofe já feita.



A aula seguinte iniciou com uma conversa sobre arranjo musical. Para isso, levei um texto para leitura coletiva, adaptado do portal wikipedia. Construimos a ideia de arranjo em como fazer definições e escolhas, preparar uma música que foi composta para uma gravação ou uma execução ao vivo. Usamos exemplos de músicas que foram gravadas por artistas diferentes com arranjos diferentes. Entre os elementos musicais que compõe um arranjo a turma destacou basicamente a instrumentação e a forma.

Foi disponibilizado instrumentos de percussão e uma escaleta e passamos a fazer o arranjo de forma coletiva. As pessoas foram dando suas ideias, mas não estávamos avançando. Foi daí que sugeri que a turma começasse definindo quais instrumentos gostariam de usar, pensando na música e nas pessoas que estavam em sala naquela noite. Passamos então a experimentar os instrumentos e a problematizar suas possibilidades de acordo com seus timbres e com a levada rítmica definida pela turma para a composição. A primeira instrumentação definida foi a seguinte:

- VIOLÃO –PROFESSOR
- VOZ – XXXXXXXX
- SURDO – XXXXXXXX
- BONGÔ – XXXXX
- CHOCALHO – XXXXXXXX
- TAMBORIM – XXXXXXXXXXXX

O próximo passo foi definir uma forma para a música. Uma questão que surgiu foi como poderíamos escrever isso. Nesse momento falou-se sobre a partitura como uma das maneiras de escrever música que traz essas informações. Abri uma partitura na internet projetada na tela e olhamos mais alguns exemplos. Depois, chamei atenção que a turma poderia criar à sua própria maneira de registrar esse arranjo, para que na aula seguinte pudessemos tocar da mesma forma novamente. Testamos o arranjo algumas vezes e depois fizemos uma gravação em vídeo. O arranjo definido foi:

INTRODUÇÃO (VIOLÃO) – uma sequência de acordes - VOZES (ao sinal do professor entrar e cantar uma vez a estrofe inteira e parar) - ENTRADA DOS BATUQUES (entrar um a um os instrumentos: primeiro o surdo, depois os chocalhos, depois bongô e tamborim juntos) - TODOS JUNTOS MAIS UMA VEZ A MÚSICA TODA – finalizar com sinal do professor - FIM SÓ O VIOLÃO

Na aula seguinte, a turma estava muito animada com o resultado e ansiosa para assistir ao vídeo. Quando se viram tiveram diferentes reações: risadas, vergonha, orgulho. Trocamos instrumentos, inserimos as pessoas que faltaram na noite anterior e tocamos a música. Foi feita uma conversa de avaliação sobre a composição e o arranjo. Ali apareceram depoimentos sobre conseguir fazer algo inimaginável, sobre como nunca pensaram em fazer uma música, sobre suas satisfações e insatisfações com a composição. Foi quase unânime a opinião de que a música tinha ficado “legal” e que era necessário fazer mais estrofes.

Gravação em estúdio

Enquanto outro projeto criativo-musical ia sendo desenvolvido, organizei junto ao departamento de música da Universidade do Estado de Santa Catarina a gravação da canção elaborada no projeto música e diversidade no estúdio. Confirmada a possibilidade de fazer a gravação no estúdio, retomamos os trabalhos com a canção Diversidade com o objetivo de fazer mais duas estrofes. Olhando para a estrofe já feita, a turma definiu que deveríamos seguir compondo com o tema diversidade cultural e surgiu a ideia de escrever sobre a influência dos indígenas e dos negros africanos na cultura brasileira, fazendo uma estrofe para cada. A partir daí, iniciamos mais uma etapa de um trabalho criativo e problematizador.

Usamos uma noite letiva para cada estrofe. As ideias foram surgindo à medida que eu e o professor alfabetizador íamos lançando perguntas problematizadoras. Tais perguntas buscaram fazer pensar nas relações da história desses povos com o processo colonizador, problematizando passado e presente, destacando a questão do preconceito e do racismo. Algumas questões históricas foram contextualizadas por nós professores enquanto as pessoas iam colocando sua visão sobre a realidade e quando faziam perguntas sobre argumentos trazidos pelos professores e pelos colegas.

Foi perceptível que, quanto mais a problematização se aprofundava, mais as pessoas pensavam e consideravam o significado das palavras na escolha para a estrofe da canção. A formação das frases foi um processo coletivo em que as pessoas ora davam ideias de palavras e formação de frases, ora ideias melódicas e de prosódia, relacionando texto e música de forma criativa.

Durante a criação da estrofe sobre os indígenas a canção sofreu uma mudança na parte musical. Quando estávamos terminando e cantamos algumas vezes seguidas, algumas pessoas disseram que a música estava muito lenta, que não combinava com o que a letra dizia. Foi aí que alguém disse: “essa ficava boa num samba!”. Fizemos um teste, a ideia foi aprovada por unanimidade e a canção passou a se chamar Samba da diversidade. A versão final ficou assim:

SAMBA DA DIVERSIDADE

A música é só alegria, toda cultura merece respeito

No Brasil tem muitas culturas música, ritmos e alegria

Respeitar a diversidade é importante para a sociedade

Mistura de povos e raças, cores, línguas e pensamentos

Mistura de povos e raças, cores, línguas e pensamentos

Diversidade de culturas, liberdade de expressão

Reconhecer os povos indígenas como nossos irmãos

Nos ensinam a simplicidade e a respeitar a natureza

Agradecemos a todos por cuidar de tanta beleza

Agradecemos a todos por cuidar de tanta beleza

Luta e sofrimento viveram os negros africanos

Acorrentados em um navio de Angola para o Brasil

Vendidos como escravos perderam toda sua liberdade

Por isso gritamos ao mundo não ao racismo e sim à igualdade

Por isso gritamos ao mundo não ao racismo e sim à igualdade

As gravações ocorreram no estúdio do Departamento de Música da UDESC. Após contato com a professora do departamento responsável, o trabalho foi desenvolvido por um dos bolsistas do estúdio. Ele montou um plano de trabalho para a gravação que começou com minha participação gravando as bases para as guias. Gravei violão, cavaquinho, pandeiro e surdo. Com essa base pronta, passamos a usá-la para ensaiar na escola e nos prepararmos melhor para a gravação no estúdio. Como foi uma composição coletiva, toda a turma cantou na gravação, com captações das pessoas cantando em grupos menores e uma com todo o grupo cantando junto.

Finalizadas as mixagens e masterizações, nos encontramos na escola para ouvirmos juntos as músicas prontas e avaliarmos as experiências durante o processo de gravação e sobre a participação da pesquisa em geral. Essa conversa foi realizada em grupo e registrada em áudio. As pessoas fizeram uma avaliação sobre o resultado das gravações. No geral se mostraram satisfeitas e felizes em fazer parte do trabalho. Destacaram que as vozes não apareceram igualmente, umas estão mais altas que outras. Também chamaram atenção para algumas sílabas que ficaram deslocadas, que não houve “conjunto” na hora de cantar.

Muitas pessoas falaram sobre o sentimento de ir ao estúdio gravar. Eliane valorizou o fato de ter “entrado em uma universidade pela porta da frente”. Luiza disse que foi uma emoção muito grande estar na universidade para gravar algo que ela mesma fez e poder ver como se fazem as músicas que estão no rádio e nos discos. Segundo ela, “a gente foi crescendo, nas primeiras vezes a gente mal fez uma frase, depois já fizemos versos, depois uma música inteira e no final ainda gravamos”. O vídeo nesse link (<https://youtu.be/SJTAUAAr-SU>) mostra um pouco da gravação no estúdio.



Referências

BEINEKE, V. Aprendizagem musical criativa em tempos de pandemia: (re)compondo perspectivas e (im)possibilidades. **Orfeu**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 30-47, 2021a

BEINEKE, V. Projetos criativo-musicais na escola: modelando ideias e princípios. In: XXXI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, João Pessoa, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.